

FALO LÉSBICO: INTERDISCIPLINARIDADE EM JUDITH BUTLER

Letícia Soares Zampiêr¹
Nilton Batista Gomes de Lima²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar diálogo de Butler com a Psicanálise, especificamente Freud e Lacan, no que diz respeito ao conceito de falo e à formação (materialização) dos corpos. Para isso, foi utilizado como base o segundo capítulo de seu livro “Bodies that Matter”, no qual ela analisa dois textos de cada autor citado, mostrando o desenvolvimento de suas teorias bem como seus pontos fracos e incongruências.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Desejo, Subjetividade, Interdisciplinaridade

Introdução

“*O Falo Lésbico e o Imaginário Morfológico*”³ (BUTLER, 1993) é o segundo capítulo do livro *Corpos Que Importam (Pesam)*⁴, da filósofa norte americana Judith Butler, considerado um dos textos mais férteis da autora para se pensar o gênero, a construção da imagem corporal e a intersecção com o social (PORCHAT, 2015). Nele se torna claro o trabalho interdisciplinar da autora, ao retomar criticamente as ideias de Freud, principalmente no texto “Introdução ao Narcisismo”, considerando as contradições textuais que ele apresenta ao tentar definir os limites da erogenidade das partes do corpo. Mas por que “*Judy*” usa das teorias psicanalíticas da formação do sujeito e da diferença sexual para tratar da *materialização dos corpos*? Partimos desta pergunta para analisar o capítulo acima citado, como excerto da obra da autora, em contraste com as teorias utilizadas, para compreender o funcionamento e a funcionalidade dessa iteração interdisciplinar para as ciências sociais.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integrante do Núcleo de Pesquisas e Práticas Sociais em Psicologia Social, Políticas Públicas e Saúde (PPS) do Departamento de Psicologia (UFJF), sob a direção da Profa. Dra. Juliana Perucchi. Bolsista de Extensão do Projeto "Acompanhamento Psicológico aos Discentes". Estagiária no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS-HU).

² Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista de extensão do projeto Suporte Familiar e Promoção de Cidadania: Trabalho Grupal com Familiares de Pessoas Transgêneras em Juiz de Fora, Minas Gerais. Membro do Núcleo de Pesquisas e Práticas em Psicologia Social, Políticas Públicas e Saúde (PPS) do Departamento de Psicologia da UFJF, sob a direção da Profa. Dra. Juliana Perucchi. Estagiário na Unidade de Atenção Primária em Saúde de Vila Olavo Costa.

³ Tradução dos autores.

⁴ *Idem*.

Butler leitora de Freud

Butler retoma criticamente as ideias de Freud, partindo do texto *Introdução ao Narcisismo*, de 1914, considerando suas contradições textuais ao tentar definir os limites da erogenidade das partes do corpo. Para explicar a teoria da libido, Freud utiliza a dor física, questionando se a preocupação obsessiva de quem tem alguma doença pode ser considerado um tipo de investimento libidinal na dor. Trabalhando a metáfora do poeta Wilhelm Busch, “*No buraco de seu molar se concentra a sua alma*”, ele estabelece uma indissolubilidade teórica entre a dor física e a dor psíquica. É essa ideia que vai guiar e determinar o entendimento do que constitui o corpo e as partes do corpo, uma vez que, para Freud, o corpo só é delineado e pode ser conhecido a partir do investimento de libido. Assim, a dor física é uma pré-condição para o autodescobrimento do corpo.

Butler aponta para a incongruência dessa ideia: é a consciência que causa a dor, delimitando o órgão ou parte do corpo, ou a dor causada por uma doença orgânica chega à consciência retrospectivamente? Essa ambiguidade é reiterada na analogia entre a dor e a erogenidade. A erogenidade está entre o real e o imaginário do corpo, no entanto, se ela é produzida no deslocar de uma atividade corporal através de uma ideia, esse deslocamento e a ideia são fenomenologicamente coincidentes. Assim, não é possível falar de um corpo que emerge antes e dá origem a uma ideia. Isso significa que mesmo considerando a precedência do corpo, Freud mostrou a indissolubilidade entre o corpo e sua parte fantasmática proveniente da experiência psíquica.

Ele define erogenidade como “*atividade de enviar estímulos sexualmente excitantes para a psique*” e zonas erógenas como áreas do corpo que “*podem agir como substitutas dos genitais e comportar-se de maneira análoga a eles* (FREUD, 2010(1914)). Butler chama atenção para o fato de que “os genitais” são presumidamente masculinos. Assim, a ideia é que os genitais masculinos são o local originário da erogenização e posteriormente serve como modelo para substituições e deslocamentos. Parece incongruente que os genitais sejam um exemplo de erogenidade e também de onde se origina o processo de deslocamento. Ele é colocado ao mesmo tempo como produto de uma série de substituições e a causa da existência dessas substituições. Butler pondera que talvez esse problema lógico seja um sintoma de que Freud já percebia, ao falar dos genitais como uma idealização originária, a existência do falo simbólico.

“*Introdução ao Narcisismo*” demonstra o processo paradoxal que faz com que o falo seja o significante que gera significado, ao mesmo tempo em que é gerado por uma

série de exemplos das zonas erógenas. O problema é que Freud propõe equiparação entre pênis e falo, de forma que os genitais atuam tanto no nível do simbólico, sendo a medida de origem da erogenidade, quanto no imaginário, na anatomia marcada pela falha em retornar ao simbólico ideal.

Apesar da tentativa de Freud de restaurar o poder imaginário do falo, o colocando como o protótipo e como a origem da erogenização, fica claro para Butler, através da trajetória metonímica de “Introdução ao Narcisismo”, que o falo não se origina de nenhuma parte do corpo, mas é fundamentalmente transferível, pelo princípio da erogenidade.

A autora propõe que a valorização de certas partes do corpo em detrimento de outras é uma forma de hipocondria erótica, considerando a hipocondria como o investimento imaginário de libido em uma parte do corpo. Essa hipocondria denota uma teatralidade na produção do corpo, que fornece ao ego um contorno imaginário, uma vez que o ego é um ego corporal. Freud trabalha com a ideia de que essa projeção morfológica se dá através da dor e das proibições sociais, de forma que existe uma grande variedade de modos de teatralização do corpo. Seriam ideias a respeito do corpo, sem as quais o ego não poderia se constituir, regras que governam a identidade inteligível e que, a partir de uma matriz que estabelece uma hierarquia entre masculino e feminino e uma heterossexualidade normativa (heteronormatividade), é parcialmente estruturada (ARÁN e JUNIOR, 2007). A teatralidade pode, então, ser entendida como a materialização dos efeitos regulatórios do poder. No entanto, essas proibições não funcionam da mesma forma para todos, de forma que não é sempre que produzem corpos em conformidade com a norma social (heteronormatividade). Como exemplificam Arán e Junior:

Um dos exemplos mais notáveis da naturalização dos processos de construção da identidade decorrentes da repetição das normas constitutivas seria a interpelação médica. Nesse caso, através do procedimento da ultrassonografia, transforma-se o bebê” antes mesmo de nascer em “ele” ou “ela”, na medida em que se torna possível um enunciado performativo do tipo: “é uma menina”! A partir desta nomeação, a menina é “feminizada” e, com isso, inserida nos domínios inteligíveis da linguagem e do parentesco através da determinação de seu sexo. Entretanto, essa “feminização” da menina não adquire uma significação estável e permanente. Ao contrário, essa interpelação terá que ser reiterada através do tempo com o intuito de reforçar esse efeito naturalizante. Certamente seria estranho, diante da imagem de um bebê numa ultrassonografia, afirmar que “se trata de uma lésbica”. Como este enunciado não faz parte de nossa inteligibilidade cultural, ele serve antes de tudo para demonstrar de maneira muito precisa como o ato de nomear é, ao mesmo tempo, a repetição de uma norma e o estabelecimento de uma fronteira. (ARÁN e JUNIOR, 2007, p. 133-134)

Assim, a nomeação do sexo seria um ato performativo, que dá início ao jogo da teatralidade, instituindo uma realidade social ao construir uma percepção corporal específica.

Assim, no capítulo aqui analisado, temos uma Butler leitora de Freud que, assim como ele, busca estabelecer uma concepção da subjetivação. Enquanto Freud parte de uma interpretação mais biológica da subjetivação – pressupondo uma permanência da diferença sexual, do binarismo, da hierarquia de gênero, da heterossexualidade, Butler parte de uma concepção histórica, que permite uma posição subversiva em relação às fronteiras normativas. A psicanálise surge e se sustenta num jogo de perguntas e respostas que tentam encontrar uma *Verdade* sobre quem somos, enquanto Butler busca, se não rebater, deslocar essas premissas (BESSA, 1998) afim de questionar as concepções de sujeito clássicas, apontando para novas formas que podem deslocar psicólogos, psicanalistas, filósofos e cientistas sociais em suas visões de mundo. Assim não seria possível, sem colocar em xeque essas concepções de sujeito, compreender fenômenos contemporâneos acerca da sexualidade, do gênero e do desejo (PORCHAT, 2013). Butler pretende “[...] encontrar uma noção de sujeito e uma noção de corpo, amarradas pela linguagem, que permitam incorporar na cultura, de modo não patológico, os seres humanos que não se enquadram nos padrões normais de gênero” (PORCHAT, 2014, p. 82), para isso fazendo uso das teorias psicanalíticas de maneira crítica.

O corpo para Butler

Butler, já no prefácio de *Corpos que Importam*, usa do termo “*Judy*”, para fazer referência a si mesma, quando reproduz a pergunta que lhe era colocada após a escrita de *Problemas de Gênero: “E a materialidade do corpo, Judy?”*. Reproduzimos aqui o termo, na nossa introdução, com o mesmo objetivo da autora; como esforço para sair de uma posição mais formal, e para retomar a uma vida corporal que não pode ser esquecida no trabalho teórico (BUTLER, 1993 a, p. ix). Isso nos dá a direção para partirmos para a compreensão de como Butler entende o corpo, seus sentidos, significados e consequências de uma vida corpórea, de uma materialidade do corpo, para o desenvolvimento teórico.

A categoria corpo ganhou destaque nas produções teóricas que tratam tanto da psicanálise quando das noções de gênero, principalmente por causa da rotação intelectual que causou o impacto da teoria feminista nos últimos quarenta anos. O corpo, e a complexa relação entre sexo e gênero, começa gradualmente a receber atenção especial

nas ciências sociais e humanas (MARTÍNEZ, 2015). Geralmente, vemos o conceito de gênero sendo colocado em oposição ao conceito de sexo, sendo o primeiro o componente social, construído, do campo da linguagem, enquanto o segundo seria o natural, o dado previamente, a materialidade do corpo que é colocada em questão para *Judy*. Como escreve Foucault:

“A noção de sexo tornou possível agrupar, numa unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres, e isso possibilitou o uso dessa unidade fictícia como um princípio causal, um significado onipresente: o sexo tornou-se assim capaz de funcionar como significante único e significado universal.” (FOUCAULT, 1980, p. 154)

Butler vai de encontro a esta oposição, a esta concepção de “sexo” e de corpo. Em *Problemas de Gênero* ela afirma que o sexo é uma ficção, uma construção discursiva que age performativamente, que pode ser desmontada para estabelecer a proliferação de outras formas. Sendo assim possível instituir novos significados que não necessariamente estão de acordo com a lógica binária que classifica os corpos, e construir posições que permitam um vazamento de esquemas falocentros. (BUTLER, 1990). Com essa concepção de sexo como ficção, sobra a questão da materialidade do corpo sexuado. Como poderia ser ficção a própria carne?

Assim, Butler aborda, na segunda parte do capítulo “O Falo Lésbico” a relação entre a materialidade e a linguagem, tentando posicionar o corpo nessa dinâmica. Ela começa pontuando que o mero fato de se tentar postular uma materialidade fora da linguagem, como a materialidade do sexo, já insere esta materialidade na linguagem. Dessa forma, a linguagem e a materialidade não se opõem, pois a linguagem se refere ao que é material e tudo o que é material não escapa do processo de significação. No entanto, não é possível reduzir a materialidade a uma identidade com a linguagem: só se significa aquilo que aparece.

Dessa forma, Butler postula que a materialidade é um instrumento e um desdobramento de uma série de relações linguísticas: a materialidade só pode ser significada na medida em que está contaminada pelas estruturas do contexto linguístico e o significante só significa quando está contaminado pela materialidade de pretende significar. Isso significa que, *“Separada da realidade do significante e, no entanto, relacionada com ela, está a materialidade do significado, assim como o referente, acessível através do significado, mas ainda assim sem poder ser reduzido ao significado”*

(BUTLER, 1993, p. 68-69). Assim, é no espaço entre referente e significado que ocorre a negociação entre a materialidade da linguagem e a do mundo que ela pretende significar.

No que diz respeito à materialidade do corpo em especial, Butler se volta para a teoria Lacaniana. A materialidade do corpo só se dá a partir do desenvolvimento da morfologia, o que só ocorre, por sua vez, através da linguagem. Para Lacan a linguagem pode ser entendida como as regras de diferenciação baseadas nas relações de parentesco idealizadas. Nesse sentido, à medida que se entende que a linguagem emerge da materialidade da vida corporal, pode-se considerá-la uma forma de satisfação substituta, sendo a vocalização do significante uma tentativa psíquica de reinstalar e recapturar um corpo material perdido. A materialidade do significante é a repetição deslocada da materialidade do corpo maternal. Estando esse corpo perdido no registro do Real, pode-se dizer, então, que “O Real é aquilo que resiste à simbolização e que a impõe” (BUTLER, 1993, p. 70). Assim, Butler se volta, de maneira breve, para a obra de Julia Kristeva, com objetivo de contrastar a visão da materialidade do corpo dessa autora, com a de Lacan.

Kristeva afirma que, ao mesmo tempo em que a perda do corpo maternal é entendida na linguagem, esta também vai negá-la. Essa dinâmica ambivalente se repetirá em toda relação linguística. É nítido que o processo descrito se dá no Édipo, com a inserção do nome do pai (linguagem) e a proibição do tabu do incesto (perda do corpo maternal), sendo a negação a defesa (nesse caso neurótica) que surge frente à Lei.

Butler questiona essa ideia do corpo maternal como origem da significação, pois o corpo maternal só pode ser reconhecido como tal por um sujeito, o que só pode acontecer depois do processo em questão. Assim, ela retorna a Lacan e sua teoria do estágio do espelho, que diz respeito a um processo imaginário de projetar uma forma em uma superfície, elaborando, centralizando e contendo psiquicamente os contornos corporais de si mesmo. Sua teoria parte do narcisismo freudiano, que explica a individualização através da dinâmica da diferenciação e identificação sexual, a partir das quais se elaboram esses contornos corporais imaginários.

Isso significa que um corpo só pode ser um todo a partir de uma imagem especular sustentada por um nome marcado sexualmente, isto é, nomeado no simbólico. Nesse sentido, a Lei simbólica pode produzir diferentes versões de corpos, de forma que o nome, que instala o gênero, nada mais é que uma performance investida no campo político.

Butler leitora de Lacan

Butler retoma as ideias de Lacan a respeito do papel do narcisismo para a formação do Eu, de forma a propor uma reinvenção do caráter antropocêntrico e falocêntrico da teoria Lacaniana, principalmente no que diz respeito ao falo como significante privilegiado. Para tal, ela acompanha o desenvolvimento da teoria lacaniana num estudo comparativo entre os textos “O estádio do espelho como formador da função do eu” (1998) e “A significação do falo” (1998).

Com base no estudo de Hegel, Lacan começa a elaborar a ideia de que a gênese do Eu se dá a partir da consciência de si, evoluindo, então, para a tese de que o Eu se constrói a partir da imagem do Outro, sendo essa construção marcada pelo desconhecimento e a alienação. Nesse sentido, Lacan desenvolve a ideia do estádio do espelho, baseado nas concepções de Henri Wallon e na teoria Freudiana. Situado entre o sexto e o décimo oitavo mês de vida da criança, esse conceito foi cunhado por ele para designar o momento em que ela toma domínio de sua unidade corporal a partir da percepção de sua imagem no espelho. Esse reconhecimento se dá a partir da identificação com a imagem do Outro. Retomando, assim, a teoria do narcisismo freudiana, Lacan afirma que nesse processo de reconhecimento e identificações, se forma o Eu, de forma que é possível fazer um paralelo entre a passagem do auto-erotismo freudiano com a identificação primordial da criança com a imagem (CUKIERT e PRISZKULNIK, 2002).

Isso significa que a formação do Eu se dá fora do sujeito, uma vez que é a imago externalizada que produz os contornos corporais. Por se produzir através de identificações com o Outro, essa imagem gera um eu corporal idealizado, que se diferencia do organismo no Real. Essa imagem especular, e, portanto, o Eu, estão, assim, no registro imaginário. E é por essa diferença entre o corpo real e o corpo idealizado que se pode afirmar que o Eu se constitui a partir de uma perda.

Butler, então, retoma o questionamento lacaniano de quais órgãos entrariam no jogo narcisista com o Outro na formação do Eu. Para Lacan, esses órgãos seriam os genitais masculinos, que quando entram na relação narcisista passam a ser efeitos imaginários. Já o falo, por outro lado, não seria um órgão nem um efeito imaginário, mas um significante privilegiado. No entanto, ao ser colocado nesse jogo narcisista, o pênis se transforma em falo, e, ao entrar nessa lógica falocêntrica, se torna o princípio pelo qual se conhece qualquer objeto e o Outro – o pênis se instala como significante privilegiado. Isso significa que todos os objetos passíveis de serem conhecidos têm um caráter antropomórfico e androcêntrico e que esse caráter androcêntrico é fálico.

Se o “O estádio do espelho como formador da função do eu” foca na relação narcísica e imaginária, a “A significação do falo” dá atenção para a significação e a esfera do simbólico. Nesse texto o principal questionamento de Butler é “Devemos aceitar a prioridade do falo sem questionar o investimento narcisista mediante o qual um órgão, uma parte do corpo, foi elevada/erguida⁵ à condição de princípio estruturante e centralizador do mundo?”⁶ (BUTLER, 1993, p. 79).

Em “A significação do falo”, Lacan dialoga com a teoria freudiana do complexo de castração, ratificando sua importância para a estruturação dos sintomas e a ascensão do sujeito a uma posição sexual. Ele pontua seus pontos de discordância, uma vez que considera o complexo de castração não como a renúncia ao pênis, mas como uma renúncia ao gozo. Sobre a posição sexual, o autor teoriza que o gênero não é determinado biologicamente, mas, sim, que se constrói a partir da relação com o falo: assume a posição masculina o sujeito que *tem* o falo e a posição feminina aquele que *é* o falo.

É nesse texto que Lacan define o falo com base na negativa: não é uma fantasia, nem objeto e nem um órgão, sendo, assim, é “o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante” (LACAN, 1998, p. 697).

Isso significa que o autor contradiz as ideias do texto anterior, pois se o falo não é um órgão, nem um efeito imaginário, então não se constrói através do imaginário e se mantém independente do imaginário. No entanto, Butler argumenta que o falo é um efeito sinédoque, uma vez que ao mesmo tempo em que ele representa o pênis, ele só é constituído no simbólico a partir de mecanismos de transfiguração do imaginário. Isso significa que o que opera no registro do simbólico é o conjunto de efeitos imaginários que foram naturalizados e reiterados como a lei da significação.

É possível ver tal ponto nitidamente na obra de Freud, uma vez que, apesar de considerar o órgão genital masculino como uma representação psíquica imaginária e simbólica que organiza a sexualidade humana, o autor utiliza o termo “pênis” e não “falo” em sua obra. Isso significa que a introdução do conceito de falo na psicanálise faz menção à “presença-ausência/ereção-detumescência” do pênis (BONFIM, 2014, p. 158).

“Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isto um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade

⁵ Em inglês, a autora utiliza a palavra “erected”, numa alusão ao pênis ereto.

⁶ Tradução livre, realizada pelos autores do texto.

interessada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza.” (LACAN, 1998, p. 696)

Com esse excerto da obra de Lacan podemos propor que não só na constituição do sujeito o falo surge primeiro como um efeito imaginário, mas também no desenvolvimento da teoria psicanalítica, uma vez que o sentido dado por Freud permaneceu no registro imaginário.

A partir daí, Butler retoma a ideia de Jane Gallop de que os lacanianos não podem controlar o que a palavra “falo” significa:

“O desejo dos lacanianos de separarem claramente falo de pênis, de controlar o significado do significante falo, é rigorosamente sintomático de seu desejo de terem o falo, isto é, seu desejo de estarem no centro da linguagem, em sua origem. E sua incapacidade de controlar o significado da palavra falo é evidência do que Lacan chama de castração simbólica” (GALLOP, 2001, p. 280).

Dizer que o falo simboliza o pênis, garante que o falo não é o pênis, uma vez que a simbolização afasta o simbolizado do símbolo. Mas de que adianta esse afastamento se o falo – como símbolo – sempre toma o pênis como a coisa simbolizada? Assim, se o falo depende da negação da identidade com o pênis para simbolizar, então ele depende da relação com o pênis para essa simbolização, de forma que é seguro dizer que o falo não seria nada sem o pênis.

Assim, podemos questionar porque se assume que o falo necessita desse órgão específico para simbolizar e porque não pode operar através da simbolização de outras partes do corpo. É essa possibilidade de deslocamento do falo que abre as portas para a possibilidade de um “falo lésbico”, sendo coerente com a teoria de Lacan.

O falo lésbico

Diferente da separação nítida e simples entre pênis e falo, proposta pelos lacanianos, Butler afirma que a tríade sexo-gênero-desejo é resultado de um efeito de poder, estabelecido pelo discurso que coloca o masculino sempre como fálico. A partir disso Butler utiliza a própria teoria de Lacan para demonstrar a possibilidade de novas formas de significação, que não a heteronormativa e androcentrica (SUNIGA, 2015).

Sendo o falo uma idealização da qual nenhum corpo consegue se aproximar, ele é uma fantasia transferível e sua vinculação com o masculino pode ser questionado. Se a constituição do corpo se dá através de fantasias identificatórias, não há um único esquema imaginário possível para o Eu, de forma que o falo lésbico pode entrar em jogo a partir

da degradação de um feminino idealizado ou ocupando a posição castradora do masculino. Assim, ele supõe uma posição em que o sujeito, ao mesmo tempo, *tem* o falo e *é* o falo, tanto exerce a ameaça da castração (como a mulher que perdeu o falo), como sofre a angústia de castração (com o medo de perde-lo) (BALZA, 2011).

A ideia de um falo lesbiano pode gerar vergonha ou repúdio pela associação do falo ao desejo heterossexual. No entanto, pensando-se a verdade como uma série de “desconhecimentos constituintes”, o falo nada é mais é do que um dos significantes da relação lesbiana, operando como um desvio da erogeneidade e uma transgressão morfológica, reiterando a instabilidade das fronteiras imaginárias do sexo. Isso significa que a proposição de Butler não só critica uma ordem heterossexual, atacando ao falomorfismo, como também critica a ordodoxia feminista da sexualidade lesbiana, que coloca esta como à parte do falo. Assim, a autora constrói um novo imaginário sexual antiheterossexista, abrindo a possibilidade para novas formas de gozo (BALZA, 2011).

Conclusão

Dessa forma, Butler propõe que o falo, antes o significante privilegiado, é um efeito imaginário, de forma que só simboliza o pênis por conta da estrutura simbólica heterossexual da diferença sexual na qual está incluído. No entanto, dentro da própria lógica lacaniana, as posições de “ser” o falo e “ter” o falo são intercambiáveis, quando se sai dessa normativa heterossexual. Essa quebra da heteronormatividade é possível quando a mulher toma esse falo, uma vez que o “ter” do falo lesbiano provoca uma alteração no que significa “ter o falo”.

No entanto, é importante não colocar o falo lesbiano como uma tentativa da mulher de tomar o poder do homem na norma heterossexual. Muito pelo contrário, uma vez que a principal característica do falo é poder se deslocar no processo de simbolização, seu privilégio só se dá por uma reiteração constante. Ao mesmo tempo, o falo não existe por si só, dependendo de um contexto para simbolizar. Dessa forma, o falo lesbiano é a oportunidade de ultrapassar a posição estruturalmente designada ao falo, oferecendo a este a possibilidade de uma infinidade de novas simbolizações e formas de gozo fora do seu privilégio heterossexista.

Ao analisar a noção de narcisismo de Freud e a de falo de Lacan, Butler propões uma aproximação entre eles, principalmente onde o segundo pretende se afastar do primeiro (BESSA, 1998). Nessa leitura e releitura de teorias psicanalíticas vemos a necessidade de continuar repensando as formas e parâmetros que usamos para abordar o

desejo, a sexualidade e as subjetividades num mundo contemporâneo em constante mudança, a fim de criar uma abertura para possibilidades de existência ainda mantidas na ininteligibilidade.

Referências

ARÁN, M.; JUNIOR, C. A. P. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, 2007. 129-147.

BALZA, I. Ética corporal y sexuación plasticidad y fluidez en el sujeto del postfeminismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 21-33, 2011. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38118774003>>.

BESSA, K. A. M. Posições de Sujeito, Atuações de Gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 1, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/12033/11310>>.

BONFIM, F. G. Perspectivas sobre o escrito lacaniano: "a significação do falo". **Analytica**, v. 3, n. 5, p. 157-182, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**. [S.l.]: [s.n.], 1990.

BUTLER, J. **Bodies That Matter**. New York & London: Routledge, 1993 a.

BUTLER, J. The Lesbian Phallus and The Morphological Imaginary. In: BUTLER, J. **Bodies That Matter - On The Discursive Limits of Sex**. [S.l.]: Routledge New York & London, 1993. p. 51-92.

CUKIERT, M.; PRISZKULNIK, L. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 143-149, 2002. ISSN 1678-4669.

FOUCAULT, M. **The Histpry of Sexuality, vol 1**. New York: Vintage, 1980.

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, S. **Obras Completas Vol. 12**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010(1914). p. 9-37.

GALLOP, J. Além do falo. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 267-287, 2001. ISSN ISSN 1809-4449.

LACAN, J. A significação do falo. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Obra original publicada em 1958.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Original publicado em 1966.

MARTÍNEZ, A. APUNTES SOBRE EL CUERPO EN EL PENSAMIENTO DE JUDITH BUTLER. APORTES DEL PSICOANÁLISIS EN LA TEORÍA QUEER. **Revista Affectio Societatis**, Medellín, v. 12, n. 23, p. 1-16, 2015. Disponível em: <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>>.

PORCHAT, P. **RevistaFaac**, Bauru, 2013. 195-202. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/125085>>.

PORCHAT, P. **Psicanálise e Transexualismo: Desconstruindo Gêneros e Patologias com Judith Butler**. Curitiba: Juruá, 2014.

PORCHAT, P. Um Corpo para Judith Butler. **PeriodiCus**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 37-51, 2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/14254/9855>>.

SUNIGA, N. C. El falo en disputa: Judith Butler, lectora crítica de Jacques Lacan. **Diferencias**, v. 1, n. 1, p. 64-86, 2015. ISSN ISSN 2469-1100. Disponível em: <<http://www.revista.diferencias.com.ar/index.php/diferencias/issue/view/1>>.